

RESUMOS

Prenúncios Sombrios. A Concessão de Hong Kong Exposta pelos Portugueses aos Chineses como Factor de Perturbação da Ordem Imperial

As relações entre as antigas colónias portuguesa de Macau e britânica de Hong Kong foram pontuadas ao longo da sua história por frequentes rivalidades suscitadas pelo papel que uma e outra desempenharam ou pretendiam desempenhar no contexto político e comercial regional. Foram, assim, os Portugueses de Macau os primeiros a aperceberem-se e a visionarem, pessimistas, as repercussões da concessão original desse estabelecimento pela China aos Britânicos. Foram também os Portugueses a tentar desde o primeiro momento despertar as autoridades chinesas para o carácter pernicioso dessas consequências. E foi esse o sentido da reunião do dia 6 de Novembro de 1841 no Templo de Lianfeng, em Macau; uma reunião cujo significado histórico tem passado despercebido nos estudos dedicados às relações luso-chinesas do período da 1.ª Guerra do Ópio e que neste artigo é analisada. [Autor: António Vasconcelos de Saldanha, pp. 6-13]

De Macau para Hong Kong. De Hong Kong para o Mundo

Este artigo é uma reflexão sobre o lugar que Hong Kong ocupa hoje na região do delta do rio das Pérolas e no arquipélago das Cidades Globais. No que diz respeito à região em que se insere, assumem particular destaque as relações com as cidades de Cantão e Macau. Uma ligação histórica que desde 1841 tem influenciado o desenvolvimento de cada uma delas bem como o de toda a região do delta. As relações entre Macau e Hong Kong têm sido analisadas pondo o acento tónico no que as distingue e divide. Tentamos uma análise diferente, procurando os seus pontos de contacto, semelhanças e paralelismos, reconhecendo que a construção da grande metrópole que hoje vai tomando forma, não obstante

a liderança de Hong Kong, passa pelo aprofundamento das redes sociais, económicas e culturais que ligam aquelas três cidades. Desde 1841 que o capital social acumulado na região se transformou no principal recurso do seu desenvolvimento. Hong Kong, desde a primeira hora, surge como uma cidade virada para o mundo e Macau, pelos trilhos abertos com a diáspora macaense, dispersa-se por todos os continentes, reforçando a sua identidade [Autor: Alfredo Gomes Dias, pp. 14-23]

Um Pioneiro de Macau nos Estados Unidos da América. “Autobiography and Reminiscence of Candido Gutierrez (1824-1903)”

Recorrendo a material dos Arquivos da Sociedade dos Pioneiros da Califórnia, este artigo debruça-se sobre a curta Autobiografia/Memórias escrita pelo macaense Cândido Gutierrez (1824-1903), muito tempo depois de ter deixado a China e de se ter tornado um proeminente cidadão americano e um pioneiro da Califórnia. O texto revela-nos a determinação do autor em refazer a sua vida na Cidade Dourada depois de ter deixado a família no Sul da China e muitos dos temas presentes na narrativa pessoal do emigrante são aqui analisados: a viagem marítima, o recomeçar a partir do zero, a história e a economia locais, os reveses económicos, honestidade e comércio, entre outros. Num tempo em que muitas famílias americanas viajavam para Cantão e Macau em busca de fortuna através do “negócio da China”, um macaense fazia a mesma viagem, mas em sentido inverso, em busca do sonho americano. [Autor: Rogério Miguel Puga, pp. 24-39]

As Memórias de John Reeves, “The Lone Flag”. Retirar o Véu à Macau do Tempo da Guerra

A recente descoberta na cidade do Cabo, África do Sul, das Memórias de John Pownall Reeves, consul britânico em Macau nos turbulentos anos da II Guerra Mundial, fará, com a sua iminente publicação, luz sobre uma

importante figura histórica em Macau, cujo papel na melhoria das condições de milhares de refugiados permaneceu até agora muito escondido pelas brumas do tempo. Estas memórias, conhecidas como “The Lone Flag”, facultam um rico e recompensador vislumbre sobre as personalidades ao tempo dominantes em Macau bem como revelam as inimagináveis dificuldades e intrigas que John Reeves teve de superar no cumprimento do seu dever para com os que o rodeavam. O que também transparece das suas Memórias é o indivíduo de grande charme e coragem que, com escasso apoio de uma Grã-Bretanha sitiada, fez o que era humanamente possível para providenciar socorro e conforto aos milhares de súbditos britânicos de Hong Kong e de outras nacionalidades, para quem Macau constituiu um abrigo face aos japoneses. Graças à dedicação e sentido de história de David Calthorpe, na cidade do Cabo, estas Memórias foram carinhosamente preservadas. [Autor: Wilhelm Snyman, pp. 40-55]

Macao Através da “Nova Poesia” de Leung Ping-kwan

Leung Ping-kwan, nascido em 1949 em Xinhui, na província de Guangdong, normalmente conhecido pelo pseudónimo de Yesi, é escritor, poeta, tradutor, ensaísta, crítico cultural e de cinema. O multifacetado Leung é elogiosamente considerado o homem mais importante no mundo das letras de Hong Kong. Entre as suas prolíficas criações literárias e diversificados interesses, contam-se diversos volumes de poesia chinesa moderna, também designada “nova poesia”, acerca de diferentes pessoas e lugares. Porém, desde 1973, Macau tornou-se na sua fonte de inspiração e Yesi começou então a escrever poesia moderna sobre este território. Estes poemas descrevem paisagens e marcos históricos e, simultaneamente, entretêm-se com os seus perspicazes sentimentos. Duas décadas depois, reavivou-se o seu interesse por Macau. Continuou a escrever poesia sobre os mais variados assuntos, como

RESUMOS

os encontros culturais entre Oriente e Ocidente, personagens históricas e a gastronomia luso-macaense. Alguns poemas versam abertamente sobre os seus ambivalentes sentimentos relativamente à transferência da soberania de Macau no final do século xx. No presente artigo, analisam-se as obras de Yesi relacionadas com Macau, por ordem cronológica e temática.

[Autor: Christina Miu Bing Cheng, pp. 76-84]

Os Mercadores Hokkien na Ásia Marítima antes de 1683. Estabelecendo Pontes entre os Oceanos Oriental e Ocidental

As gentes do sul costeiro da província de Fujian, ou “Hokkiens”, contam com uma longa tradição como marinheiros, remontando a sua história de actividades marítimas e emigratórias aos primórdios da era cristã. Neste artigo analisa-se o grupo mercante Hokkien e as respectivas actividades na Ásia Marítima na perspectiva de um sistema marítimo regional, em particular dos entrepostos da Ásia Oriental. Primeiramente apresenta-se um breve apontamento sobre as actividades marítimas iniciais dos Hokkien no Sudeste Asiático, a que se segue uma descrição geral de alguns dos principais portos do sistema marítimo da Ásia Oriental: Coreia, Kyushu e Taiwan. Analisa-se também Manila enquanto centro característico da actividade marítima dos Hokkien. O autor argumenta terem emergido na região no mínimo seis pontos fulcrais de comércio, de diversas dimensões, durante diferentes períodos, incluindo a Coreia, a ilha Kyushu, as ilhas Ryukyu, a costa do Sudeste da China, Taiwan, Macau e Manila. Com a chegada dos europeus, o centro do comércio marítimo transferiu-se gradualmente para Sul. Com a queda da dinastia Silla, os mercadores chineses começaram a dominar a navegação e as actividades mercantis naquela região. De entre eles, os mercadores Hokkien da região de Quanzhou foram os mais activos e empreendedores. Ao contrário de outros segmentos da população chinesa, os Hokkien eram particularmente activos nos entrepostos ultramarinos. Para conseguirem sobreviver e expandir-se num

ambiente estranho, habitualmente perigoso e até hostil, os Hokkien, que nunca foram apoiados nem protegidos pelo governo chinês, desenvolveram um conjunto de redes exclusivas para se protegerem. Enquanto o grupo empreendedor mais audacioso nos primórdios da Ásia Marítima moderna, os mercadores Hokkien não só prosperaram nas águas da Ásia Oriental, como estabeleceram uma ponte entre o sistema marítimo do Sudeste Asiático e o da Ásia Oriental.

[Autor: James K. Chin, pp. 89-116]

Macau e Manila no Arbitrismo Ibérico

A corrente de pensamento político e económico designado comumente por arbitrismo desenvolveu-se em Espanha ao longo da segunda metade do século xvi e grande parte do século xvii, estendendo-se também a Portugal, onde veio a adquirir particular relevo durante o período da União Dinástica (1580/81-1640) e das Guerras da Restauração (1640-1668). As dificuldades económicas dos reinos ibéricos e dos respectivos impérios neste período conduziram à generalização da ideia de “decadência”, levando vários autores a aplicar-se na redacção de diferentes tipos de textos – os arbítrios – que faziam chegar às autoridades. Nestes textos, para além de procederem à análise da realidade conjuntural dos seus países, avançavam com ideias e projectos de resolução dos problemas diagnosticados, por forma a fornecerem os meios capazes de enfrentar e expurgar as debilidades políticas e económicas de Portugal e Espanha. Em geral, estes arbitristas defendiam que a solução para os males estava na implementação de remédios únicos e universais, capazes, na sua concepção, de curar todas as enfermidades destes reinos. Apesar de muitas das ideias dos arbitristas terem sido alvo de troça na época em que surgiram, situação que contribuiu para a má fama que o termo arbitrismo granjeou entre a sociedade de então, existe hoje a consciência de que o estudo do arbitrismo é cada vez mais importante não só para conhecer a evolução das ideias políticas e económicas dos países ibéricos nos séculos xvi a xviii

mas também para se compreenderem algumas das medidas implementadas pelos respectivos governos quer no espaço metropolitano quer nos territórios coloniais. É nessa linha que se justifica a elaboração do presente artigo, o qual pretende apresentar o pensamento de um conjunto significativo de arbitristas sobre a relevância, para os dois impérios ibéricos, dos seus territórios mais longínquos: Macau e as Filipinas.

[Autor: Eduardo Frutuoso, pp. 117-144]